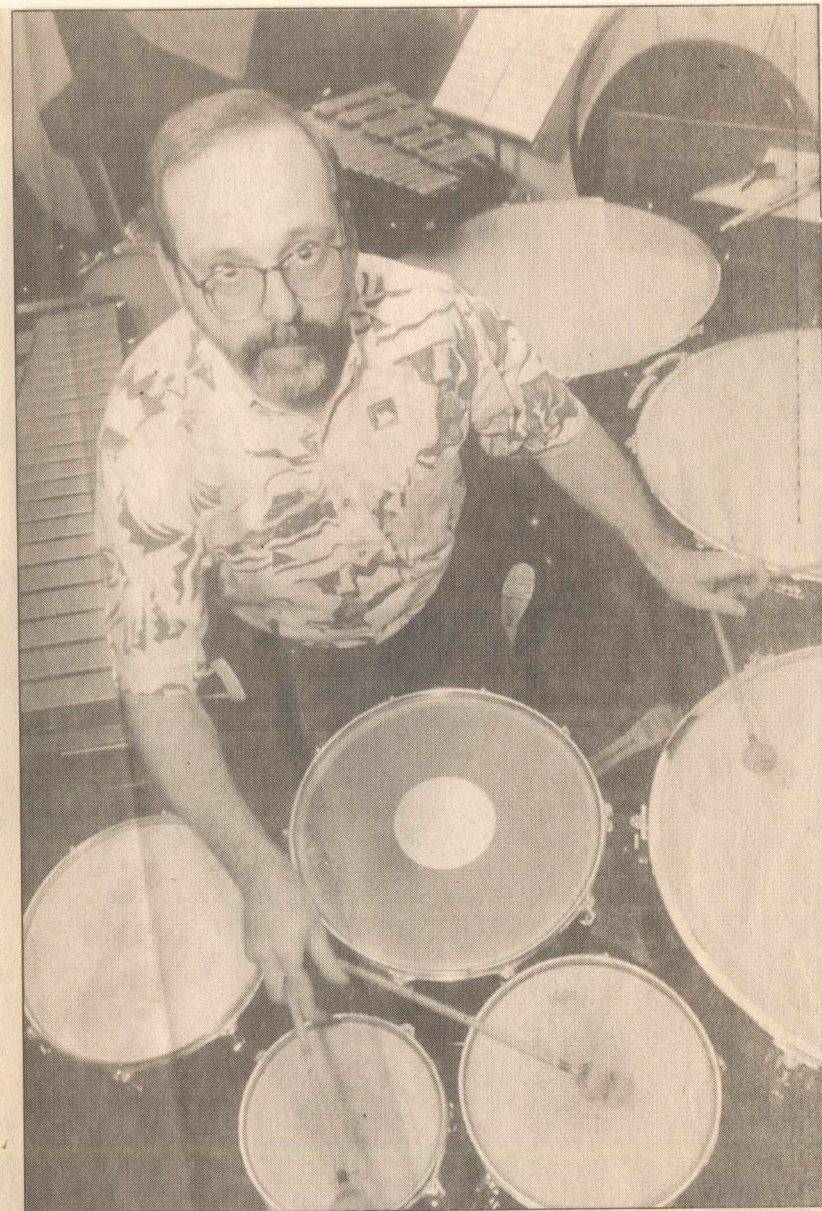




UNICAMP

P19.05

EVENTO: FESTIVAL DO SOM EXPERIMENTAL
FESTIVAL DE MÚSICA NOVA
 VEÍCULO: O ESTADO DE S. PAULO
 DATA: 31.07.97
 PÁGINA: CADERNO 2
 SEÇÃO: CADERNO 2



O maestro inglês Graham Griffiths: regendo o concerto de abertura

O compositor santista Gilberto Mendes: idealizador do festival

O maestro John Boudler: percussão a serviço da experimentação

Festival traz gigantes do som experimental

Organizado pelo compositor Gilberto Mendes, o evento, que começa no sábado, vai revelar para os brasileiros a obra da russa Galina Ustvolskaia, entre outros autores contemporâneos

ANTONIO GONÇALVES FILHO

A Rússia de hoje pode ser uma terra devastada e dominada por mafiosos, mas será acima de tudo o celeiro musical do próximo século. É o que vai mostrar o Festival de Música Nova em sua 35ª edição, a partir de sábado, no Instituto Cultural Itaú. Criado pelo incansável compositor santista Gilberto Mendes, o festival que revelou para o Brasil compositores como os americanos Lejaren Hiller (pai da música por computador) e Philip Glass (pai do minimalismo) vai mostrar este ano por que a compositora russa Galina Ustvolskaia, hoje com 78 anos, merece ser reverenciada como a sucessora de Shostakovich.

A escolha de Ustvolskaia não é

casual. O festival deste ano, segundo um de seus coordenadores, o compositor mineiro Eduardo Guimarães Álvares, pretende ser uma ponte entre a tradição e a inovação. Por isso o programa de abertura, sábado, às 20h30, no Instituto Cultural Itaú (avenida Paulista, 149, ☎ 238-1700) vai juntar obras do compositor carioca Roberto Victorio (radicado no Mato Grosso) e do americano Aaron Copland (1900-1990). Regido pelo maestro inglês Graham Griffiths, que mudou para São Paulo há dez anos, o

concerto de abertura (a cargo de seu grupo Novo Horizonte) tem três peças de Victorio e a célebre *Appalachian Spring*, peça de câmara composta para um balé de Martha Graham e depois transformada em obra sinfônica.

O mais antigo festival latino-americano de música contemporânea comemora assim o casamento entre a avant-garde mundial e a tradição, trazendo músicos da Rússia, Finlândia, Bélgica, França, Itália, Alemanha e Venezuela. Eles vão tocar 134 obras ao lado de mais de 100 colegas brasileiros. Serão ao todo 30 concertos realizados na sede do Instituto Cultural Itaú (ICI), no Museu Brasileiro da Escultura e no Teatro Municipal de Santos, cidade onde nasceu o festival. Mendes projetou o nome da cidade litorânea e incluiu o evento no calendário mundial dos festivais de música contemporânea. Seu prestígio é tão grande na Europa que hoje o compositor da provocativa *Beba Coca-Cola* pode convidar músicos excepcionais como o pianista russo Igor Kefalidis, pagando apenas um cachê simbólico.

"Se há algo de que me orgulho nesses 35 anos de festival é ter sobrevivido, apesar de tudo", diz. Mendes criou realmente um espaço de sobrevivência de uma categoria em baixa num mundo dominado pela música pop. Gastou menos do que a mais barata peça teatral em cartaz na cidade, algo

em torno de R\$ 150 mil, para produzir um festival que vai ter primeiras audições e peças consagradas de compositores como o cubano Leo Brouwer, o americano John Cage (revelado ao Brasil nas primeiras edições do festival), o italiano Luciano Berio, o alemão Stockhausen e o brasileiro Lívio Tragtenberg.

Possíveis críticas sobre o elitismo do festival são respondidas por Gilberto Mendes com um argumento irrefutável: "É um festival de invenção, de signos novos, que pode não interessar ao grande público, mas, ao contrário da música pop, que não existe se não for tocada, a música nova vai ficar mesmo sem ser executada", diz. Isso é tão verdadeiro que grupos como Beatles e Kraftwerk foram beber na fonte de Stockhausen para produzir seus trabalhos mais ambiciosos (alguém duvida que o álbum branco dos Beatles existiria sem as pequenas sonoras do visionário alemão?).

Por falar em Stockhausen, uma de suas peças mais conhecidas, *Zodiaco*, originalmente composta para caixinha de música, será executada no dia 21 pelo clarinetista Montanha (do grupo Sujeito a Guincho) e o percussionista Eduardo Leandro. "Cada signo corresponde a um instrumento de percussão diferente", explica

EVENTO
DIVULGOU
JOHN CAGE E
STOCKHAUSEN

Montanha, que recomenda com entusiasmo o concerto do quarteto de clarinetes de Caracas, dia 8, no mesmo ICI. "É um grupo que conheci no Texas e que divulga a música de compositores latinos modernos".

Gilberto Mendes destaca o papel do festival na difusão de obras e autores considerados difíceis. "Descobrimos Stockhausen, Giacinto Scelsi, Philip Glass e John Cage, trouxemos o Continuum, o melhor grupo musical americano contemporâneo, mas a mídia insiste em ignorar o festival", reclama. Com razão.

Para o maestro americano Graham Griffiths, que acompanha o

Festival de Música Nova desde que resolveu fixar residência no Brasil há dez anos, o evento criado por Mendes "é uma vitrine do compositor contemporâneo, mesmo não sendo acompanhado pelo grande público, por exigir muita concentração." Em seu concerto de abertura, por exemplo, Griffiths optou pela sutileza. Pegou uma peça de Copland composta para instrumentos de corda e preferiu trabalhar os contrastes entre essa obra dos anos 40 (que já faz parte da tradição) e as experiências sonoras de Roberto Victorio. Entre elas se destaca uma peça para grupo de percussão que será tocada pelo maestro americano John Boudler, outro estrangeiro apaixonado por música experimental e pelo Brasil.

Mas, como se disse, a atração mais esperada é a música da compositora russa Galina Ustvolskaia, que o poeta e tradutor Augusto de Campos chama de "a esfinge musical da Rússia." O pianista mineiro Paulo Álvares vai tocar 12 prelúdios e uma sonata de Ustvolskaia, perseguida pelo regime stalinista e só redescoberta recentemente. Enfim, nunca é tarde para conhecer a música nova.